

OPINIÃO SOCIALISTA



CONTRA BOLSONARO VOTO CRÍTICO NO 13

NENHUM APOIO AO GOVERNO LULA

PARA ENFRENTAR A EXTREMA DIREITA E TRUMP,
É PRECISO MOBILIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS
TRABALHADORES, INDEPENDÊNCIA DE CLASSE E UMA
ALTERNATIVA SOCIALISTA QUE SUPERE O PROJETO DO PT

Pág. 11 a 19

O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTA EDIÇÃO

NOTAS

Toda solidariedade à Ocupação dos Queixadas em Cajamar (SP) Pág. 4 e 5

Pág. 6 a 10

EDITORIAL

OS TRABALHADORES
DEVEM SE PREPARAR PARA
O QUE VIRÁ

Pág. 11 a 19

CENTRAIS

CONTRA BOLSONARO,
VOTO CRÍTICO NO 13
E INDEPENDÊNCIA NAS RUAS

Pág. 20 a 27

ELEIÇÕES 2026

O QUE REVELA O PRIMEIRO
TURNO DAS ELEIÇÕES?

Pág. 28 a 35

BRASIL

POR QUE A EXTREMA
DIREITA CRESCE?

Pág. 36 a 42

BRASIL

MOBILIZAÇÃO E PRESSÃO
GARANTEM O FIM DA ESCALA
6X1 NO SENADO

Pág. 43 a 50

MUNDO

A JUVENTUDE E A CLASSE
TRABALHADORA FRENTE À
OFENSIVA NEOLIBERAL

Pág. 51 a 58

ENTREVISTA

UMA CANDIDATURA
REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA
NO CORAÇÃO DO IMPÉRIO

Pág. 59 a 62

PARTIDO

TRANSFORME SEU ÓDIO
EM ORGANIZAÇÃO!

CONTRIBUA PARA UMA IMPRENSA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

O Opinião Socialista é o jornal oficial do PSTU. Nestes mais de 28 anos, o Opinião sempre se firmou de forma contundente como uma imprensa operária, de esquerda, um contraponto à hegemonia da mídia burguesa. Durante esses anos, o jornal adquiriu diferentes formatos ou periodicidade. Mas esteve sempre ligado à luta de classes.

Para continuar defendendo uma visão socialista do mundo a serviço da classe trabalhadora, o Opinião pede a sua contribuição. Faça uma contribuição e fortaleça uma ferramenta para a discussão de uma estratégia socialista para se mudar de fato a realidade. Confira abaixo como você pode contribuir.

OPINIÃO SOCIALISTA

Banco do Brasil
Agência: 4054-1
Conta: 26751-1
PIX: 55.446.524/0001-00



Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Opinião Socialista Ltda.

CNPJ: 55.446.524/0001-00 / Atividade Principal 91.92-8-00.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mariúcha Fontana (MTb 14555)

REDAÇÃO: Diego Cruz, Júlio Anselmo, Luciana Candido e Roberto Aguiar

DIAGRAMAÇÃO: Ana Sbabbo

CONTATOS

📷 @opiniaosocialista

💬 Clique aqui e fale conosco pelo WhatsApp

✉️ opinião@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista - São Paulo
(SP) CEP: 01313-000

DESPEJO ZERO

Toda solidariedade à Ocupação dos Queixadas em Cajamar (SP)



*Quase 100 famílias vivem na Ocupação Queixadas, em Cajamar (SP).
Crédito: Paulo Pereira*

No início deste mês, o juiz Renato Santos proferiu uma decisão judicial determinando o despejo de quase 100 famílias da Ocupação dos Queixadas, em Cajamar (SP).

Em nota, o Movimento Luta Popular destacou que a sentença ignora a realidade concreta das famílias, formadas por trabalhadores, crianças, mulheres e idosos, que transformaram a área em um espaço de moradia, convivência e organização popular.

“Em vez de buscar uma solução que garantisse o direito constitucional à habitação, a Justiça optou por validar um plano de remoção que não assegura realocação adequada, não protege a unidade das famílias e desconsidera

procedimentos estabelecidos para a mediação de conflitos fundiários”, afirmam.

A responsabilidade por essa situação recai, em grande medida, sobre a Prefeitura de Cajamar, que se recusou sistematicamente a construir alternativas para evitar o despejo.

A decisão judicial e a postura da administração municipal revelam uma lógica perversa: os trabalhadores servem para movimentar os galpões logísticos, limpar as ruas e produzir riquezas, mas são tratados como descartáveis quando reivindicam o direito elementar a um teto para viver. ■

Nenhuma família sem teto. Nenhum despejo! Enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito!

Os trabalhadores devem se preparar para o que virá



Ato em São Paulo (SP) contra a candidatura de Flávio Bolsonaro. Crédito: PSTU-SP

Flávio Bolsonaro terminou na frente de Lula no primeiro turno, fazendo explodir um movimento de rua pela derrota eleitoral do bolsonarismo. As pesquisas do segundo turno variam dentro da margem de erro e ninguém sabe quem irá ganhar. Flávio já prepara um novo governo, mas Lula pode virar.

A extrema direita terá a maior bancada da Câmara e do Senado a partir de 2027. É um erro imaginar que o segundo turno vai estabilizar o país. A eleição define quem governará, mas não resolve as contradições que produziram a polarização. Sumirá a extrema direita fortalecida, a crise das instituições, a pressão imperialista e a insatisfação social?

No mundo crescem o autoritarismo, o militarismo e as disputas entre nações e setores capitalistas.

Guerra dos EUA contra o Irã, disputa entre EUA e China, agressão à Venezuela, guerra da Rússia contra a Ucrânia e genocídio de Israel na Palestina. A crise do capitalismo amplia disputas imperialistas, militarização e autoritarismo, e o Brasil não está fora disso.

No Brasil, segue a crise do Supremo Tribunal Federal (STF), com novas barbaridades vorcarianas. O Judiciário está desacreditado. Soma-se a isso a sanha imperialista de Trump, tratando a América Latina como seu quintal e fazendo ameaças e intervenções no Brasil.

Também crescem o caos social e a insatisfação dos trabalhadores diante da decadência do capitalismo brasileiro. Nem as medidas progressivas do PT reverteram profundamente em sua popularidade. Lula não resolveu os problemas estruturais que alimentam essa insatisfação, disputada pela extrema direita, fortalecida após quatro anos de um desastroso governo do PT.

APÓS O 2º TURNO

Nesse cenário de avanço da marcha do capitalismo para a barbárie, há diferentes possibilidades após o segundo turno.

Se Flávio Bolsonaro vencer, tentará usar sua vitória e o novo Congresso para aprofundar seu projeto autoritário e os ataques aos trabalhadores. O endurecimento do regime serve para restringir liberdades, dificultar nossa organização e impor ataques em benefício da burguesia e do imperialismo. Terá melhores condições para isso. A última palavra dependerá da luta dos trabalhadores.

Por isso é necessário preparar desde agora a resistência. Não podemos esperar a posse. Será necessário construir unidade na luta, defender as liberdades democráticas e organizar a mobilização dos trabalhadores, da juventude e dos setores oprimidos.

Qualquer aventura autoritária ou golpista de Bolsonaro, assim como intervenção de Trump, precisará encontrar forte resistência com ampla unidade de ação. Essa unidade não significa apoio político ao PT ou a qualquer setor da burguesia.

Em uma eleição marcada por crise institucional, intervenções de Trump e pelo peso conquistado pelo bolsonarismo, uma vitória de Lula também não devolverá o país a uma suposta estabilidade.

Uma vitória de Lula ocorreria com o bolsonarismo fortalecido, um Congresso mais à direita e um PT desgastado. Como seu projeto é governar em aliança com a burguesia, o PT buscaria novos acordos por cima, incorporaria mais setores burgueses ao governo e cobraria dos trabalhadores a conta.

Os desafios aqui também serão grandes. Será necessário enfrentar qualquer ataque do novo governo Lula e, sobretudo, recuperar a capacidade de mobilização independente da nossa classe.

Um novo governo do PT será marcado por mais acordos com o Centrão, atendimento ao mercado, ajuste fiscal e frustração social. A pior preparação seria convencer os trabalhadores a confiar no governo.

Esse é o desafio mais importante do próximo período.

ALTERNATIVA DE CLASSE

A política brasileira está cada vez mais polarizada, mas os trabalhadores ainda não possuem um polo próprio capaz de disputar milhões. A polarização segue hegemônica por projetos burgueses.

De um lado, a extrema direita canaliza este sentimento para um projeto reacionário com aparência antissistema, contra os trabalhadores, os pobres e os setores oprimidos e a serviço dos grandes capitalistas e do imperialismo.

Do outro, o PT se coloca contra a extrema direita para canalizar isso para a administração do capitalismo em crise e governa com outra parte da burguesia. Daí vêm a moderação, a confiança nas instituições e os limites à mobilização. A divergência é sobre qual classe deve governar e contra quem.

Lula e Bolsonaro não são iguais. São projetos burgueses diferentes, mas nenhum representa um projeto dos trabalhadores.

Com a agudização do enfrentamento entre setores burgueses, não se trata de procurar um ponto intermediário nem escolher um deles. É preciso construir uma posição de classe independente.

Quando a sociedade capitalista caminha para uma polarização maior, a tarefa dos trabalhadores é construir seu próprio projeto independente, um polo próprio da classe. Isso significa organizar

uma alternativa da nossa classe contra os capitalistas. O caminho para derrotar a direita é radicalizar pela esquerda.

VOTO CRÍTICO NO 13, SEM APOIO AO GOVERNO LULA

O segundo turno define quem governará o país nos próximos quatro anos. Votamos criticamente em Lula contra Flávio Bolsonaro sem apoio político ao governo. Essa tática está subordinada à estratégia de construir uma alternativa independente dos trabalhadores para derrotar a extrema direita de vez e para superar o PT.

Não se derrota a extrema direita apenas com eleições. Ela já tem um forte peso no Senado e Congresso e irá usar isso. Tem apoio de setores burgueses e base social. Para derrotá-la será necessário disputar os trabalhadores, enfrentar as condições de seu crescimento e construir uma alternativa revolucionária e socialista.

Se Flávio vencer, será necessário organizar resistência com ampla unidade de ação, defender as liberdades democráticas e enfrentar seus ataques. Se Lula vencer, será necessário enfrentar os ataques de seu governo, construir uma oposição de esquerda independente e seguir combatendo a extrema direita. São tarefas diferentes dentro da mesma estratégia. Em qualquer cenário, precisamos fortalecer a organização independente dos trabalhadores, romper com a burguesia e construir uma alternativa revolucionária e socialista capaz de disputar o poder e estatizar os setores estratégicos sob controle dos trabalhadores.■

2º TURNO

Contra Bolsonaro, voto crítico no 13 e independência nas ruas



JÚLIO ANSELMO,
DA REDAÇÃO



Ato em São Paulo (SP) contra a candidatura de Flávio Bolsonaro. Crédito: PSTU-SP
Foto: Maísa Mendes

A resposta diante da vitória de Flávio Bolsonaro no primeiro turno veio das ruas. Grandes manifestações contra Flávio Bolsonaro tomaram conta do país. Os estudantes tomaram a dianteira realizando assembleias, atos e manifestações em universidades e escolas. Sindicatos, movimentos sociais, organizações da juventude e trabalhadores se juntaram à luta.

Hoje há um importante levante de mobilização online e nas ruas, que aponta corretamente a necessidade de derrotar eleitoralmente Flávio Bolsonaro, mas não são manifestações controladas pelo PT, PSOL ou pelas burocracias dos movimentos. Há muitas convocações feitas pela base e auto-organização em vários níveis. Uma verdadeira efervescência política de milhões

de trabalhadores, jovens e estudantes que não só se mobilizam como também debatem um projeto de país.

FLÁVIO BOLSONARO É UMA DESGRAÇA PARA OS TRABALHADORES

Flávio Bolsonaro representa um projeto de extrema direita completamente subordinado a Trump, ampliando a submissão do Brasil aos Estados Unidos ao ponto de virarmos protetorado. Isto aprofundaria a pobreza e miséria do povo brasileiro ao garantir a entrega geral e completa sem contrapartida das nossas riquezas.

Flávio tentará criar condições para desmontar as liberdades democráticas. Quer o controle absoluto sobre as instituições e o silêncio de qualquer oposição, como já fizeram Bukele e Orbán e como tenta fazer Trump atualmente. O objetivo não é apenas permanecer no poder sem questionamento. Seu autoritarismo serve também para criar melhores condições para impor ataques contra os direitos dos trabalhadores, num contexto em que setores da burguesia exigem um nível tão profundo de ataques que flertam com um regime mais duro. Esse projeto também aprofundaria os ataques contra as mulheres, negras e LGBTI's.

Ou seja, uma vitória da extrema direita daria melhores condições para Flávio impor medidas autoritárias que visam dificultar a organização e a luta dos trabalhadores. Claro que tudo dependeria da resposta dos trabalhadores. Defender as liberdades democráticas não significa alimentar ilusões neste regime dos ricos, mas preservar melhores condições para que nossa classe possa se organizar, fazer greves e mobilizações.

Impor uma derrota eleitoral a esse projeto no dia 25 é importante. Parte dos trabalhadores que votaram em Bolsonaro o fez pelo desgaste com Lula, que faz um terrível governo capitalista. Essa revolta é compreensível, mas é um erro acreditar que Bolsonaro atenderá aos interesses dos trabalhadores. Por isso, contra Bolsonaro e seu projeto autoritário, daremos um voto crítico em Lula sem dar nenhum apoio político ao governo.

Hoje é melhor virar voto para o Lula se for a partir de críticas ao governo. Mas nosso voto crítico vai bem além disso, pois identificamos o próprio governo do PT como parte do problema, por isso defendemos um programa de oposição de esquerda para superá-lo pela esquerda.

SAIBA MAIS

Por que o voto em Lula deve ser crítico?

1 – LULA GOVERNA PARA A BURGUESIA

O voto é para impedir Bolsonaro de ganhar. É crítico porque Lula não representa os interesses dos trabalhadores. Não revogou a reforma da Previdência de Bolsonaro ou a reforma trabalhista de Temer. Aprovou o arcabouço fiscal e governou a serviço dos grandes capitalistas, do mercado financeiro e das instituições do Estado. Não garante soberania ao negociar a entrega das terras raras com EUA, China e Europa.

Mesmo medidas progressivas, como o aumento de 15% do Bolsa Família e a isenção do Imposto de Renda, são completamente insuficientes e não mudam estruturalmente a vida dos trabalhadores.

Enquanto isso, os salários continuam baixos, o emprego é precário, o custo de vida pesa e serviços públicos fundamentais seguem precarizados.

2 – UM NOVO GOVERNO LULA IRÁ ATACAR OS TRABALHADORES

Lula irá dar continuidade à conciliação com os grandes empresários. O ministro da Fazenda já anunciou a necessidade de um novo ajuste fiscal em 2027. Ao mesmo tempo, segue negociando a entrega das terras raras, mantém um Plano Safra bilionário para o agro, acabou de leiloar o petróleo e seguirá atacando os trabalhadores para garantir todas as benesses à burguesia. Se vencer, será preciso luta dos trabalhadores contra medidas que ataquem direitos, serviços públicos e salários.

3 – ELEGER LULA NÃO DERROTA A EXTREMA DIREITA

Outro motivo é que a extrema direita não é derrotada pela vitória eleitoral de Lula. Basta dizer que, depois da derrota de Jair Bolsonaro em 2022, com quatro anos de governo Lula, a extrema direita voltou em 2026 ainda mais forte e ampliou sua influência política.

Isso não aconteceu por acaso. A política de conciliação de classes não elimina as bases sociais e materiais sobre as quais a extrema direita cresce. O governo preserva o poder econômico dos grandes capitalistas e mantém intactos os principais mecanismos de exploração. A frustração produzida por essa política volta a ser explorada pela extrema direita, que apresenta respostas reacionárias e às vezes até absurdas para problemas reais.

4 – GOVERNO LULA LEVA OS TRABALHADORES A CONFIAR NA BURGUESIA E NAS INSTITUIÇÕES

Ao mesmo tempo, Lula desarma a organização independente dos trabalhadores e pede confiança no governo, no Congresso e nas instituições. Faz alianças com setores da própria direita, como União Brasil e MDB, que tiveram ministérios no governo Lula e hoje estão com Flávio Bolsonaro.

A política de conciliação de classes não elimina as bases sociais e materiais sobre as quais a extrema direita cresce

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Nenhum apoio político ao governo Lula. É preciso superar a conciliação do PT

A tarefa é derrotar Bolsonaro e, ao mesmo tempo, enfrentar e superar pela esquerda o próprio projeto do PT, se quisermos derrotar de verdade a extrema direita e garantir os interesses dos trabalhadores.

Muitas organizações de esquerda vêm fazendo o voto em Lula sem crítica, o que se transforma inevitavelmente em apoio político. Qualquer tipo de apoio político ao PT é um erro importante. Ainda mais neste momento, em que há certo desgaste do governo pelas péssimas condições de vida, confundir voto com apoio ao governo

Lula não ajuda sequer a disputar voto contra o bolsonarismo. Muito menos ajuda nos grandes desafios da classe trabalhadora de derrotar a extrema direita, superar o PT e fortalecer um programa que atenda às suas necessidades.

A política do PT aprisiona os trabalhadores à conciliação com a burguesia. Pede voto para supostamente derrotar a extrema direita, governa junto com setores capitalistas e mantém os problemas estruturais do país. Depois, a extrema direita utiliza a frustração social para crescer ainda mais. Assim se forma um círculo vicioso perverso que precisa ser rompido. Para isso, é preciso superar o projeto de conciliação de classes do PT que aprisiona os trabalhadores.

Por tudo isso, o voto tem de ser crítico.

COMO DERROTAR A EXTREMA DIREITA BOLSONARISTA PRA VALER?

Não se derrota a extrema direita apenas com eleições. É preciso ampliar essa mobilização atual, transformando-a numa força social independente, capaz de enfrentar os ataques dos capitalistas, lutar pelas reivindicações dos trabalhadores e construir outro projeto de país.

A disposição de enfrentar Bolsonaro não pode ser transformada simplesmente em apoio ao governo Lula. Precisa servir para aumentar a organização independente dos trabalhadores e da juventude.

É necessário fortalecer assembleias, sindicatos, movimentos populares e organizações estudantis, além de comitês, plenárias e formas de coordenação construídas pela base. A luta contra

Bolsonaro precisa se combinar com as reivindicações concretas da classe trabalhadora: emprego, salários, redução da jornada sem redução salarial, saúde e educação públicas, combate às privatizações, defesa das liberdades democráticas e enfrentamento ao imperialismo.

Para nós, a batalha eleitoral deve estar combinada e subordinada à ampliação da luta e a serviço do fortalecimento da mobilização e organização dos trabalhadores. Quanto mais forte for a luta agora e quanto maior for sua independência política em relação ao PT, melhores serão as condições para derrotar Bolsonaro e também para enfrentar o próximo governo.

Mas tampouco isso basta. A partir da mobilização e da batalha pela independência política da classe trabalhadora, é necessário também fortalecer um programa socialista capaz de enfrentar o sistema.



Ato em São Paulo (SP) contra a candidatura de Flávio Bolsonaro. Crédito: PSTU-SP

ALTERNATIVA

Um programa socialista para derrotar o bolsonarismo e superar o PT



Ato em São Paulo (SP) contra a candidatura de Flávio Bolsonaro. Crédito: PSTU-SP

Para derrotar o bolsonarismo é preciso atacar as bases do sistema capitalista. Para fazer isso é preciso superar o PT, que defende um programa que tenta aperfeiçoar o sistema como se isso fosse possível.

Esse programa deve partir da estatização dos setores estratégicos da economia sob controle dos trabalhadores. Petróleo, mineração, energia, infraestrutura e sistema financeiro não podem continuar subordinados ao lucro privado.

Mais de R\$ 700 bilhões em lucros produzidos pelos trabalhadores nesses setores poderiam ser direcionados para reindustrializar o país,

desenvolver tecnologia, garantir empregos de qualidade, aumentar salários dobrando o salário mínimo e ampliar os investimentos em saúde, educação, moradia, transporte e serviços públicos, assim como revogar as reformas trabalhistas e o arcabouço fiscal.

Nenhuma transformação desta dimensão será entregue voluntariamente pelos grandes empresários, banqueiros e multinacionais, que hoje dominam todo o aparelho de Estado.

Por isso, um programa socialista não pode ser reduzido a uma lista de propostas executadas por dentro das instituições atuais. Sua realização depende da mobilização e da organização da classe trabalhadora, da ruptura com a burguesia e da construção de um poder dos próprios trabalhadores baseado na democracia dos trabalhadores e em sua própria auto-organização. ■

BALANÇO

O que revela o primeiro turno das eleições?

A vitória da extrema direita e a derrota de Lula mostram os limites da conciliação de classes, em uma eleição marcada pela insatisfação popular, a crise das instituições e o voto de rejeição.

 **DEYVIS BARROS,**
DE SÃO PAULO (SP)



Nikolas Ferreira, Malafaia e Flávio Bolsonaro durante caminhada em Brasília para pedir anistia aos condenados do 8 de Janeiro. Foto: Joédson Alves/Agência Brasil

O primeiro turno terminou com uma vitória de Flávio Bolsonaro e da extrema direita. Não apenas pela vantagem sobre Lula na disputa presidencial, mas pelo crescimento do bolsonarismo no Congresso, nos governos e assembleias estaduais. Do outro lado, o PT sofreu uma derrota política que não se explica apenas pelos erros de campanha. O resultado revela um país atravessado pela insatisfação, pela desconfiança nas instituições e por uma polarização em que o medo do adversário pesa mais do que a esperança no próprio candidato.

A crise do Supremo Tribunal Federal (STF), escancarada pelo caso Banco Master, e a interferência de Trump na política brasileira também marcaram a eleição. Mas o resultado expressa, sobretudo, a insatisfação de milhões de trabalhadores que, diante de problemas que se acumulam governo após governo, não enxergam uma perspectiva de mudança.

POLARIZAÇÃO E VOTO SEM ESPERANÇA

O PT saiu derrotado da disputa presidencial, mesmo tendo renovado parte de sua bancada e conquistado mais uma cadeira na Câmara. Seu problema vai além da diferença de votos. Em outros momentos, Lula conseguiu despertar expectativas de mudança, sobretudo entre os mais pobres. Desta vez, uma parcela importante de seus eleitores votou menos por acreditar que o governo transformará sua vida e mais para impedir a volta do bolsonarismo ao Planalto.

A crise do Supremo também pesou nesse ambiente. Durante anos, o PT apresentou o STF, e especialmente Alexandre de Moraes, como uma espécie de garantia da democracia contra a extrema direita. Ao fazer isso, associou sua própria defesa das liberdades democráticas a uma instituição que, para muitos trabalhadores, é parte de um sistema político marcado por privilégios e corrupção. O escândalo do Master tornou essa contradição ainda mais visível. E o bolsonarismo aproveita o desgaste, embora esteja atolado até o pescoço nos esquemas que diz combater.

Enquanto Lula perdeu terreno na disputa presidencial, o bolsonarismo ganhou força para além dela. Avançou no Senado, na Câmara e nos

governos estaduais, esvaziou outras candidaturas da direita e reduziu o espaço do Centrão. Mesmo que Lula consiga reverter o resultado no segundo turno, terá pela frente um Congresso ainda mais à direita. Esse avanço também se insere em uma onda internacional de crescimento da extrema direita, em meio à qual Trump intensifica sua ofensiva sobre a América Latina e vê em Flávio um aliado político.

Há também uma mudança na forma como essa direita se organiza e disputa não apenas votos, mas a consciência das pessoas, especialmente dos jovens. Figuras como Nikolas Ferreira e Lucas Pavanato mostram a capacidade de transformar audiência nas redes sociais em milhões de votos e em novas lideranças. Mobilizam o antipetismo, mas não vivem apenas dele. Utilizam uma linguagem provocativa e conteúdos que viralizam para difundir ideias reacionárias, alimentar o ódio contra mulheres, negros e LGBTI+ e transformar preconceitos em identidade política. Ao mesmo tempo, defendem políticas ultraliberais e apresentam o autoritarismo como solução para a crise, explorando a insatisfação e a falta de perspectivas de parte da juventude.

O resultado revela, portanto, uma polarização que não pode ser explicada apenas pela adesão aos projetos dos dois candidatos. Flávio Bolsonaro conta com uma base identificada com suas posições, mas parte importante dos seus votos vem daqueles (inclusive muitos trabalhadores) que não suportam mais Lula e o PT. Da mesma forma, Lula mantém eleitores que apoiam seu governo, mas uma parcela importante votou nele principalmente para impedir a volta do

bolsonarismo. Esse cenário coloca a necessidade de construir uma alternativa política capaz de enfrentar o bolsonarismo e superar, pela esquerda, o projeto de conciliação de classes do PT.

DESGASTE

Por que as medidas de Lula não mudaram o resultado?



Lula anuncia benefícios aos MEI. Foto: Ricardo Stuckart

Na reta final, Lula utilizou a máquina do Estado para adotar medidas de forte apelo popular: aumento do Bolsa Família, medidas contra as bets, renegociação de dívidas e até a promessa de oferecer canetas emagrecedoras pelo SUS fizeram parte dessa ofensiva. Algumas dessas medidas trazem benefícios reais para a população. Ainda assim, não foram suficientes para recuperar o apoio perdido.

A pergunta é o porquê. Não parece razoável responder que os trabalhadores não perceberam os benefícios, ou que faltou explicar melhor as

realizações do governo. Quem depende do salário para chegar ao fim do mês sabe o que mudou e o que não mudou. A renda continua apertada, o endividamento consome boa parte do orçamento, a moradia custa caro e milhões trabalham em jornadas exaustivas ou sem direitos. Não se formou um sentimento de melhora nas condições de vida.

O problema é que as medidas pontuais convivem com uma política econômica que preserva os interesses responsáveis pelos problemas reais que enfrenta a classe trabalhadora. O arcabouço fiscal limita os investimentos públicos enquanto bancos continuam lucrando bilhões e grandes empresas e o agronegócio mantêm seus privilégios. Lula negocia com esses setores e procura tranquilizar o mercado, enquanto pede aos trabalhadores que tenham paciência. Já se fala em novo ajuste fiscal para 2027.

É comum ouvir que a direita cresceu porque fala dos problemas cotidianos, enquanto a esquerda se perdeu em assuntos distantes da população. Essa explicação esconde mais do que explica. A extrema direita não tem um programa para melhorar a vida dos trabalhadores: quer ampliar privatizações, retirar direitos e aprofundar a submissão do país aos interesses do capital. Consegue, porém, apresentar-se como mudança diante de um governo que administra a mesma ordem econômica.

Não se trata, portanto, de escolher temas mais populares ou encontrar uma propaganda melhor. Enfrentar de verdade o custo de vida, a precarização do trabalho e a falta de serviços

públicos exige mexer nos lucros dos bancos, na propriedade dos grandes grupos econômicos e na dependência do Brasil em relação ao imperialismo. O PT não faz isso porque seu projeto se sustenta justamente na conciliação com esses interesses. A promessa de derrotar o bolsonarismo por meio de uma frente ampla com a burguesia chega ao segundo turno profundamente desmoralizada.

PSOL AMPLIA VOTOS E AUMENTA SUA ADAPTAÇÃO

O PSOL aumentou sua votação e suas bancadas, apesar de não superar a cláusula de barreira. Mas esse crescimento pode aprofundar sua contradição política. Ao integrar o governo Lula e apoiar sua candidatura desde o primeiro turno, ganhou espaço institucional, enquanto abriu mão da independência de classe.

Construir uma alternativa à esquerda do PT exige defender um projeto socialista, capaz de responder às necessidades do povo trabalhador e enfrentar a extrema direita, sem se subordinar ao governo e às suas alianças com a burguesia. Independentemente do resultado do segundo turno, o PSOL segue um caminho de crescente adaptação ao PT e às instituições do regime, afastando-se dessa perspectiva.

A promessa de derrotar o bolsonarismo por meio de uma frente ampla com a burguesia chega ao segundo turno profundamente desmoralizada

SEGUNDO TURNO

Derrotar Flávio agora, e construir uma esquerda revolucionária que supere a esquerda da ordem

O risco de uma vitória bolsonarista exige uma resposta imediata. Por isso, defendemos o voto crítico em Lula no segundo turno, sem apoio ao seu governo nem confiança de que sua política reverterá a decadência do país ou mesmo derrotará a extrema direita. As manifestações que começaram depois do primeiro turno, especialmente entre jovens, mostram disposição de luta. É preciso participar delas, organizar plenárias, comitês e brigadas de voto crítico nos bairros, escolas e locais de trabalho.

Mas a mobilização não pode acabar nas urnas. Seja quem for o próximo presidente, precisaremos enfrentar os ataques aos direitos e construir uma esquerda independente dos empresários, do Centrão e dos governos. Uma esquerda socialista e revolucionária, que não se limite a administrar a crise, mas organize os trabalhadores para mudar o país.

PSTU

Continuaremos nas lutas, disputando a classe trabalhadora para um outro projeto de país e sociedade

Sem os recursos dos grandes partidos e praticamente excluído da mídia, o PSTU fez campanha nas fábricas, nos canteiros de obras,

nas escolas, nos serviços públicos e nas periferias. Com Hertz Dias e nossas demais candidaturas, buscamos algo maior que a disputa por votos: conversar com os trabalhadores sobre os problemas do país e fortalecer sua organização.

Defendemos um programa socialista que enfrente a desindustrialização, a dependência econômica e o poder dos grandes monopólios, colocando a soberania nacional e o controle dos trabalhadores sobre os setores estratégicos da economia no centro de um projeto de transformação do país. Queremos continuar esse diálogo. Seguimos neste segundo turno lutando para derrotar a extrema direita e, principalmente, manteremos nossa presença nas greves, mobilizações e lutas populares, buscando construir uma alternativa socialista para os trabalhadores brasileiros. ■



Encerramento da campanha em SP. Foto Maísa Mendes

DEBATE

Por que a extrema direita cresce?

Crise capitalista e conciliação de classes

 **JOANA SALAY,**
DE SÃO PAULO (SP)



Campanha de Flávio Bolsonaro em São Gonçalo (RJ). Foto: Charles Vieira

O resultado eleitoral do primeiro turno levou a uma grande reação nas ruas contra Flávio Bolsonaro. Ela é justa e necessária. O bolsonarismo ameaça retirar direitos, fechar o regime e atacar os setores oprimidos para aumentar ainda mais a exploração da classe trabalhadora. Mas por que, depois de quatro anos de um governo eleito com a promessa de derrotar o bolsonarismo, a extrema direita saiu fortalecida das urnas?

Não podemos ter explicações simplistas para processos complexos. Responder a essa pergunta exige compreender as raízes do fenômeno e definir uma política para combatê-lo.

UMA CRISE QUE ULTRAPASSA O BRASIL

A extrema direita é um fenômeno internacional, expressão das mudanças profundas que atravessam o capitalismo e sua ordem mundial. Trump, Milei, Bukele e Bolsonaro têm diferenças de programa, base social e métodos de governo. Mas fazem parte de uma reação que procura responder à crise com mais exploração e autoritarismo.

A crise econômica de 2008 expôs os limites da globalização capitalista. Governos da direita tradicional, da social-democracia e do chamado progressismo administraram essa crise. Com diferenças entre eles e concessões em determinados períodos, defenderam os interesses dos grandes capitalistas. Quando os compromissos com o capital exigiram ajustes, governos eleitos com apoio dos trabalhadores também impuseram austeridade e frustraram expectativas de mudança. A extrema direita encontrou espaço para apresentar uma saída reacionária como ruptura com os responsáveis pelo sofrimento popular. O bolsonarismo é expressão dos problemas e das contradições do Brasil, mas também desse fenômeno internacional, fruto da crise da ordem imperialista.

O BRASIL MUDOU. A CLASSE TRABALHADORA TAMBÉM

No Brasil, a crise se combina com o aprofundamento da dependência econômica e com o rebaixamento do país na divisão internacional do trabalho. Os setores primários exportadores ganharam peso e avançaram numa desindustrialização relativa. A economia ficou mais subordinada aos grandes monopólios e à exploração intensiva dos recursos naturais e do trabalho.

O projeto do PT, aplicado ao longo de seus governos, foi administrar essa estrutura em aliança com a burguesia, ampliando o consumo e promovendo políticas sociais sem enfrentar o controle dos bancos, do agronegócio e das grandes empresas. O período favorável das exportações permitiu melhorias reais, mas não rompeu as bases da dependência. Quando essas condições mudaram, apareceram os limites da conciliação. O PT administrou transformações que aprofundaram a precarização e fortaleceram setores do capital que alimentam o bolsonarismo.

A classe trabalhadora também se transformou. A terceirização, a informalidade e o trabalho por plataformas fragmentam os trabalhadores, enfraquecem vínculos coletivos e transferem para eles os custos e riscos do trabalho. A precariedade não elimina a possibilidade de organização, mas o sindicalismo e as organizações de esquerda capturadas pela política de conciliação de classes não estiveram à altura desses desafios.

A crise da Nova República, que conquistou liberdades democráticas mas preservou o poder da burguesia e os aparatos da ditadura, aprofundou-se sob os governos do PSDB e do PT e abriu espaço para o bolsonarismo reunir militares, ultraliberais e lideranças religiosas reacionárias numa saída autoritária.

A extrema direita é um fenômeno internacional, expressão das mudanças profundas que atravessam o capitalismo e sua ordem mundial

PROJETO FALIDO

O PT e a defesa de uma ordem em crise



Declaração de Lula após resultado 1º turno. Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Para uma população que exige mudanças, o PT oferece a preservação de uma ordem desacreditada e a promessa de recuperar um passado que seu próprio projeto não consegue restabelecer. Essa política cobra um preço na organização da classe. As direções governistas subordinam reivindicações à governabilidade e contêm a luta em nome de uma correlação de forças desfavorável. Mas, ao desmobilizar, enfraquecem a capacidade dos trabalhadores de alterá-la. A defesa do governo passa a bloquear a construção de uma oposição de esquerda que dispute o descontentamento. A direção do PT pede que os trabalhadores aceitem os limites do presente para evitar algo pior.

O projeto de conciliação de classes do PT arrasta outros setores da esquerda para sua órbita, como o PSOL e as correntes que se apresentam à

esquerda do PT. Ao integrar o governo, o PSOL assume compromissos com a gestão da crise que deveria combater. Sua esquerda precisa responder como pretende construir uma alternativa socialista mantendo o apoio político a esse governo. O mesmo vale para Jones Manoel, que em nome da viabilidade eleitoral, abdicou da construção de um projeto independente. Em nome da viabilidade eleitoral e do combate à extrema direita, a construção de uma alternativa independente dos trabalhadores vai sendo adiada, enquanto essas organizações se subordinam à defesa do governo.

A EXTREMA DIREITA OFERECE UMA EXPLICAÇÃO DE MUNDO

A revolta com as condições de vida não leva, por si só, ao socialismo. Nem a decepção com o PT conduz necessariamente à esquerda. A extrema direita disputa esse descontentamento com uma explicação de mundo: diz por que a vida piorou, aponta responsáveis e oferece uma saída. Suas mentiras ganham força porque se apoiam em problemas que os trabalhadores vivem.

A riqueza cresce, mas o trabalhador continua endividado e sem segurança. A tecnologia avança, mas ele trabalha cada vez mais. O pequeno comerciante perde espaço para grandes empresas e fica nas mãos dos bancos. A extrema direita reconhece parte dessas contradições, mas inverte sua explicação. Diz que o mercado e a livre concorrência poderiam garantir prosperidade, se não fossem uma elite financeira, o Estado e os “comunistas” que, segundo ela, controlam as instituições. A concentração de riqueza produzida pelo capitalismo aparece como conspiração contra seu funcionamento.

O olavismo dá uma forma a essa interpretação. Universidades, imprensa, movimentos sociais e organismos internacionais seriam instrumentos de um mesmo projeto de dominação. A luta das mulheres, as cotas raciais e os direitos LGBTI entram nessa narrativa como ataques à família, ao mérito e à liberdade. Por mais fantasiosa que seja, essa explicação liga experiências dispersas e oferece inimigos contra os quais agir.

Pavanato e Campopiano, apoiados por Nikolas, levaram essa “guerra cultural” às eleições. Os ataques aos direitos de pessoas trans, às cotas e ao aborto integram uma visão de sociedade que apresenta as conquistas dos oprimidos como causa da decadência. Suas votações mostram o alcance dessa disputa, que vem sendo construída muito antes da campanha.

Explicar o resultado eleitoral apenas pela dificuldade da esquerda nas redes deixa de fora o conteúdo dessa disputa. A propaganda reacionária encontra apoio nas condições atuais da classe: apresenta direitos como privilégios e vende a precariedade como liberdade. Há problemas de comunicação a enfrentar, mas uma estratégia de redes não substitui um programa que explique as causas do sofrimento e ofereça uma saída. Para disputar essa consciência, é preciso enfrentar os problemas concretos dos trabalhadores e romper com as amarras da conciliação de classes.

A propaganda da extrema direita encontra apoio nas condições atuais da classe: apresenta direitos como privilégios e vende a precariedade como liberdade

À LUTA

Combater a extrema direita com independência de classe



Campanha eleitoral PSTU. Crédito: PSTU-SP

O resultado do primeiro turno coloca uma tarefa imediata: enfrentar o bolsonarismo e impedir que avance seu projeto de ataques aos trabalhadores e às liberdades democráticas. Por isso, o PSTU defende o voto crítico em Lula contra Flávio Bolsonaro, sem apoio político ao governo. Mas o balanço destes quatro anos exige ir além da disputa eleitoral. O fortalecimento do bolsonarismo mostra o limite da promessa de derrotá-lo pela administração do capitalismo. Precisamos construir um projeto que supere o PT e enfrente as condições que alimentam a reação.

Essas tarefas devem caminhar juntas. Precisamos da mais ampla unidade de ação contra as ameaças autoritárias. Ao mesmo tempo, precisamos preservar nossa independência, denunciar os ataques do governo e disputar os trabalhadores para outra estratégia.

A política de conciliação pede aos trabalhadores que adiem suas necessidades para defender uma ordem

que lhes oferece cada vez menos. A extrema direita aproveita essa ausência de perspectiva e apresenta seu projeto como mudança. Romper esse ciclo exige uma saída para o país que responda ao desemprego, à precarização, à carestia e à dependência, enfrentando o poder dos bancos, dos monopólios e do imperialismo.

POR UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA

É esse o sentido de um programa socialista: expropriar os grandes grupos dos setores estratégicos e planejar a economia sob controle dos trabalhadores. Esse projeto precisa ser construído nas greves, nos bairros, nas escolas, entre os trabalhadores de plataformas. Precisa unir os diferentes setores da classe e enfrentar as opressões que a dividem. A correlação de forças pode mudar, mas isso depende também do que organizamos e da perspectiva que apresentamos.

O medo da extrema direita não pode servir para prender os trabalhadores ao projeto que administra essa crise. Precisamos combater o bolsonarismo com toda a força e construir, nessa luta, uma alternativa à conciliação. Um partido revolucionário e um projeto de governo socialista dos trabalhadores precisam ser construídos agora, nesses enfrentamentos.■

Pela mais ampla unidade de ação contra as ameaças autoritárias. Ao mesmo tempo, precisamos preservar nossa independência, denunciar os ataques do governo e disputar os trabalhadores para outra estratégia

JORNADA DE TRABALHO

Mobilização e pressão garantem o fim da Escala 6x1 no Senado

Vitória, porém, depende ainda da manutenção da luta contra as ameaças de retrocessos

 **DIEGO CRUZ,**
DA REDAÇÃO



Protesto contra a escala 6x1 em SP

Após três longos meses engavetada pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), finalmente a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que acaba com a Escala 6×1 foi aprovada na noite deste dia 14 de outubro. Por 75 votos contra apenas 1 (o do ex-vice de Bolsonaro, Hamilton Mourão), a PEC que reduz a jornada para 5 dias de trabalho e 2 de descanso, e as horas semanais de 44h para 40h, passou no Senado e deve ser sancionada pelo presidente Lula.

Foi uma vitória da mobilização da classe trabalhadora e da pressão das redes sociais, que expressou o descontentamento da grande maioria da população contra um regime de trabalho que consome a maior parte da vida dos trabalhadores. O movimento explodiu em 2023 e, apesar de

atingir fortemente quem trabalha no comércio e varejo, também impacta trabalhadores da indústria. Mais de 70% dos CLTistas trabalham nesse regime que tem a rejeição de mais de 71% da população segundo pesquisa Datafolha de março passado.

AVANÇOS E LIMITES

Se por um lado a aprovação do fim da 6×1 mostrou que só a luta e a mobilização podem garantir direitos à classe trabalhadora, por outro também revelou os limites da atuação por dentro da institucionalidade. A reivindicação original do movimento, de uma escala de 4×3, com redução da jornada para 36h, chegou ao Congresso Nacional já desidratada. Além disso, estabelece um prazo de 60 dias para a redução das atuais 44h para 42h, e de um ano para as 40h.

O governo Lula, por sua vez, em negociação com o presidente da Câmara, Hugo Motta, havia retirado o pedido de urgência da PEC, o que atrasou a votação e permitiu que, no Senado, Alcolumbre arrastasse o projeto para depois das eleições. A onda de manifestações em todo o país contra Bolsonaro, por sua vez, serviu como pressão adicional obrigando, por um lado, a votação da medida e, de outro, forçando os senadores da extrema direita, que até ontem faziam campanha contra o fim da Escala 6×1, a votarem a favor.

Apesar de limitada, foi uma vitória da classe trabalhadora, mas que deixou ainda mais evidente que, sem a ampliação da mobilização, tende a não ser concretizada, ou ainda revertida em retrocesso.

ESTELIONATO ELEITORAL

Flávio Bolsonaro promete a empresários “revisão” da PEC caso eleito



Flávio Bolsonaro e Rogério Marinho. Foto: Reprodução

Pressionado pela campanha eleitoral, o candidato da extrema direita, Flávio Bolsonaro, declarou um dia antes da votação da PEC que apertaria o botão do “sim” no Senado. Isso após meses discursando contra a medida, afirmando que traria desemprego em massa, entre outras mentiras para defender os lucros dos grandes empresários.

Flávio Bolsonaro disse cinicamente ser a favor do fim da Escala 6×1 na frente das câmeras, mas, nos bastidores, revelou que, uma vez eleito, revisará a medida. Na verdade, o que o bolsonarismo quer não é exatamente derrubar a PEC, mas aprovar uma outra emenda que já tramita no Senado e, uma vez votada, transformará o fim da 6×1 em letra morta.

Trata-se da PEC 12/2026 do senador Rogério Marinho (PL-RN), o mesmo que elaborou a reforma trabalhista no governo Temer, e que estabelece o pagamento por horas trabalhadas, em que o trabalhador negociaria sua jornada diretamente com o patrão. Ficou conhecida como a PEC da 7×0 e a ideia é que funcione como uma “alternativa” à CLT. É óbvio que, uma vez aprovada, essa PEC não vai só aumentar a jornada, como extinguir o que resta de direitos trabalhistas, como descanso semanal e férias remuneradas. É um retrocesso de um século no que se refere a direitos.

O líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), já avisou a intenção do partido de extrema direita impor essa PEC no ano que vem. “A PEC do senador Rogério Marinho está protocolada e deveria ter tramitado junto. Se esses projetos forem renovados na próxima legislatura, poderão ser discutidos”, afirmou.

AUMENTAR A PRESSÃO NAS RUAS E NAS REDES

Seja quem for eleito, só a mobilização pode garantir o fim da Escala 6×1 com a redução da jornada, sem a redução dos salários. Mesmo que Flávio Bolsonaro não seja eleito, a bancada da extrema direita na Câmara e no Senado já tem peso suficiente para impor uma PEC sem grandes dificuldades. A mobilização pelo fim dessa escala, e as recentes mobilizações, porém, mostraram que a luta da classe trabalhadora e da juventude é o que, de fato, pode assegurar o fim da 6×1, impedindo qualquer retrocesso, e avançando para a reivindicação original do movimento, de escala 4×3, sem redução de salários ou direitos.

ATAQUE É A MELHOR DEFESA

Avançar a mobilização para a redução da jornada para 36h, contra as terceirizações e ataques aos direitos



Ato em São Paulo (SP) pelo fim da escala 6X1.

Pouco tempo atrás, o discurso hegemônico era que reduzir a jornada de trabalho seria impossível. A mobilização mostrou o contrário. Agora, para assegurar isso e impedir retrocessos, é necessário avançar ainda mais, para a jornada 4×3 e 36h semanais.

Ao contrário do que tentam nos convencer, é plenamente possível reduzir a jornada, garantindo, ao mesmo tempo, mais tempo livre aos trabalhadores e mais vagas de emprego. Basta tirar dos lucros dos grandes monopólios capitalistas, e redirecionar os subsídios bilionários às grandes empresas e multinacionais para os pequenos e médios negócios. Garante-se, assim, ao mesmo tempo, a redução da jornada, dos salários e dos direitos, e todos os empregos.

FIM DAS TERCEIRIZAÇÕES E GARANTIA DE TODOS OS DIREITOS

Junto a isso, é preciso lutar pela revogação da reforma trabalhista do governo Temer, que Lula prometeu na campanha eleitoral, mas que não moveu uma palha. É necessário acabar com as terceirizações, que rebaixam salários e direitos, e que vem, junto com a pejetização e a legitimação da superexploração dos trabalhadores por aplicativo, sendo garantidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O mesmo STF que tem mais da metade de seus ministros envolvidos com Vorcaro, em festas e orgias pagas com dinheiro roubado dos aposentados.

Para isso, os trabalhadores vão ter que se enfrentar contra o próximo governo, seja quem for. O governo Lula, por exemplo, que comemora o fim da Escala 6x1 vislumbrando as eleições, fez um acordo com Alcolumbre para trancar a tramitação da PEC 19/2024, que garante o reajuste anual do piso da Enfermagem e jornada de 36h semanais. Ou seja, além de não revisar a reforma trabalhista, ainda impede que uma medida apresentada no Senado avance, chamando-a de "pauta bomba". O governo do PT impede que seja assegurado um direito básico aos trabalhadores da enfermagem, majoritariamente feminina, para cumprir as regras do arcabouço fiscal, e depois utiliza a justificativa da "correlação de forças" e do Congresso Nacional de influência majoritária de direita.

Por isso, é necessária a mobilização independente dos trabalhadores, e a luta direta, e não o apoio ao governo Lula e a prioridade da atuação institucional como fazem a esquerda da ordem, como o PT e o PSOL.

ESCALA MÓVEL

Trabalho para quem precisa de trabalho

O fim definitivo das extenuantes jornadas de trabalho e do desemprego só se dará com a distribuição de todo o emprego disponível a todos que precisem trabalhar. É a chamada “escala móvel de trabalho”: se há pessoas sem empregos, reduz-se a jornada dos trabalhadores para se abrir as vagas aos desempregados. Sem a redução dos salários e com todos os direitos garantidos. Isso não só acabaria com o desemprego, como aumentaria a produtividade e o desenvolvimento econômico e social do país, já que 92 milhões de trabalhadores que hoje estão sem emprego, no subemprego ou na informalidade, seriam incorporados ao mercado de trabalho.

Isso, porém, é impossível no capitalismo, que precisa de um exército industrial de reserva, ou seja, de desempregados, para pressionarem o custo do trabalho cada vez mais para baixo. Só em uma nova forma de organização social, que não funcione para enriquecer meia dúzia de bilionários, mas para atender as necessidades dos trabalhadores e da população, é que poderia garantir trabalho, salário digno e direitos a todos. ■



Ato no Rio de Janeiro (RJ) pelo fim da escala 6X1.

OUTONO DE LUTAS NA EUROPA

A juventude e a classe trabalhadora frente à ofensiva neoliberal



HERBERT SOARES,
DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)



Manifestações massivas de estudantes em Paris. Fotos Públicas

A Europa atravessa um momento decisivo de mobilizações da juventude e dos trabalhadores. As ruas e praças da França e Espanha convertem-se novamente no palco central da luta de classes. O agravamento das políticas neoliberais acelerado por sucessivos pacotes de austeridade fiscal, inflação, desmantelamento dos serviços públicos e precarização sistemática do trabalho, aprofundam ainda mais a resistência de classe.

Na França, o movimento estudantil coloca o governo contra a parede, unindo-se às centrais sindicais combatentes como a Union Syndicale Solidaires em jornadas de greve, paralisações e bloqueios de escolas. Na Espanha, a crise

estrutural do acesso à habitação e a transferência massiva de riqueza dos salários para os fundos de investimento imobiliário mobilizam centenas de milhares de pessoas sob a bandeira do sindicato de inquilinos e sindicatos de base, avançando no rumo de uma greve geral de contornos históricos. Em ambos os países, não estamos perante protestos isolados, mas sim diante de uma resposta organizada das novas gerações contra um modelo político e econômico que subordina a vida humana aos lucros do capital financeiro, das multinacionais e dos grandes proprietários.

FRANÇA

A chama francesa: da tradição de combate à convergência com a juventude

Nos últimos anos, sob o mandato de Emmanuel Macron, o aparelho de Estado francês intensificou a sua agenda de liquidação das conquistas históricas do pós-guerra. A imposição por decreto autoritário de medidas extremamente impopulares aprofundou o déficit democrático do regime e alimentou um clima de insurreição latente. Os protestos ganham contornos de grande intensidade a partir da promulgação de novos orçamentos marcados por cortes drásticos em setores vitais como educação, saúde, cultura e transportes, ao mesmo tempo em que o poder executivo garante isenções fiscais milionárias e subsídios ao grande patronato, como a TotalEnergies e o conglomerado LVMH.

REPRESSÃO E RESISTÊNCIA

Foi neste contexto de sufoco econômico e social que a juventude assumiu um papel de vanguarda.

As escolas secundárias e as universidades transformaram-se em focos permanentes de resistência contra a degradação das instalações escolares, a falta crônica de professores e o caráter excludente do sistema Parcoursup, que funciona como uma peneira de classe para barrar os filhos das classes populares no acesso ao ensino superior. A resposta governamental às manifestações estudantis tem sido a repressão policial ostensiva, pela utilização massiva de gás lacrimogêneo e por detenções arbitrárias à porta das escolas, processos judiciais, desencadeando uma onda de indignação que ultrapassou o âmbito estudantil.

Como destaca o manifesto recente da Union Syndicale Solidaires ao convocar as jornadas de mobilização e greve — em particular no marcante 13 de outubro sob o mote “em greve e na rua com a juventude em luta” —, a batalha dos jovens é indissociável da luta geral da classe trabalhadora. As direções sindicais combatentes compreenderam que a resposta à violência policial e à precarização do ensino tem de ser dada na fábrica, no escritório, nos serviços e na rua. Exige-se a revogação imediata das reformas precarizadoras, o aumento geral dos salários para fazer frente ao custo de vida, a taxação severa dos superlucros corporativos e o reinvestimento massivo nos serviços públicos essenciais. A recusa dos trabalhadores em aceitar a narrativa do “não há dinheiro”, desmontada cada vez que o governo encontra recursos orçamentais para a repressão ou para os auxílios às grandes empresas, transformou a indignação pontual num movimento político articulado de contestação ao governo Macron.

ESTADO ESPANHOL

Espanha e a luta pela habitação: do resgate bancário ao poder dos inquilinos



Manifestantes protestam em Madri contra a crise habitacional. Foto: Reprodução

Enquanto na França o eixo do conflito passa pela defesa dos serviços públicos e do poder de compra frente ao arrocho orçamentário, na Espanha o mapa da mobilização social está articulado em torno do direito à habitação e do combate ao extrativismo imobiliário. O histórico recente remonta ao ciclo de contestação do movimento dos Indignados (15M), em 2011, e à resistência heroica promovida pela Plataforma de Afectados por la Hipoteca (PAH) contra os despejos em massa ocorridos após a crise financeira de 2008, quando o Estado espanhol injetou bilhões de euros públicos para salvar a banca privada enquanto abandonava milhares de famílias à pobreza.

Contudo, ao longo da última década, a forma de exploração do capital sobre a reprodução da vida

sofreu uma alteração qualitativa: o eixo da pilhagem deslocou-se do crédito hipotecário para o mercado de arrendamento. A financeirização da habitação transformou os centros urbanos de cidades como Madrid, Barcelona, Valência, Sevilha e os arquipélagos das Baleares e Canárias em autênticos parques de diversão para fundos imobiliários abutres (vulture funds), como a Blackstone, bem como para plataformas de turismo massificado e especuladores privados.

Esta dinâmica traduz-se numa situação insustentável para a maioria da população trabalhadora. Em grandes metrópoles, os inquilinos chegam a comprometer entre 50% e 70% do seu rendimento mensal unicamente para cobrir os custos de renda. A habitação deixou de ser encarada como um direito humano elementar para se converter na principal ferramenta de empobrecimento dos trabalhadores, especialmente dos jovens. Embora os discursos oficiais do governo exaltem números macroeconômicos e índices de emprego, a realidade concreta da classe trabalhadora espanhola é marcada pela precarização contratual, salários estagnados e uma inflação dos custos de vida que torna a subsistência um exercício diário de sobrevivência.

DESPEJO DE IDOSA DETONA MOBILIZAÇÕES

Sob slogans como "Casas sem gente, gente sem casa!" e "Rendeiros culpados, governo responsável!", a Confederação de Sindicatos de Inquilinas e Inquilinos, em aliança com centrais sindicais anticapitalistas (CGT, CNT, Intersindical) e movimentos sociais, articulou manifestações históricas que ocuparam as avenidas das

principais cidades espanholas. A nova onda de acampamentos na Puerta del Sol teve início na noite de 26 de setembro de 2026, deflagrada pela indignação popular com o caso de Maricarmen Abascal, uma idosa de 87 anos despejada de sua casa no bairro do Retiro, em Madri, onde vivia há sete décadas. O imóvel havia sido arrematado por uma empresa de investimentos imobiliários (Urbagestión) que passou a exigir a desocupação. A fagulha do protesto — intensificada por episódios emblemáticos como o despejo violento de idosos de suas casas em contratos antigos e pelo bloqueio legislativo de garantias de habitabilidade — transformou a praça Puerto del Sol no centro de gravidade da luta contra os fundos abutres, os aluguéis abusivos e a especulação imobiliária.

No acampamento de Sol, a juventude e a classe trabalhadora espanhola reúnem-se diariamente para organizar comitês de bairro, debater a preparação de greves de aluguel e exigir a redução drástica dos preços de moradia, a proibição de despejos e o confisco dos imóveis nas mãos da especulação financeira. Ao resgatar a potência simbólica da Puerta del Sol, a classe trabalhadora madrilenha demonstra que o espaço público pertence a quem nele vive e produz, convertendo o centro histórico da capital num baluarte de resistência anticapitalista e de solidariedade de classe.

O movimento deixou de se limitar a petições institucionais para avançar na construção da convocatória de uma Greve Geral da Habitação e do Trabalho para 11 de novembro. Trata-se de uma virada teórica e prática crucial: ao conectar a

luta pelo teto com a luta salarial e com a exigência da redução da jornada de trabalho sem perda de salário, o movimento popular espanhol coloca no centro do debate a necessidade de expropriar os especuladores e desmercantilizar o solo urbanizado.

CAMINHO

A unidade das lutas e a construção da alternativa anticapitalista

A simultaneidade e o paralelismo das lutas desenvolvidas na França e na Espanha revelam a existência de um padrão estrutural do capitalismo contemporâneo na Europa. Não nos encontramos perante crises isoladas em cada Estado-nação, mas sim perante a gestão autoritária de uma crise do capital que tenta descarregar sobre os ombros da maioria trabalhadora os custos da sua própria decadência.



Manifestações massivas de estudantes em Paris. Fotos Públicas

O primeiro elemento de convergência reside no salto qualitativo da aliança entre a juventude e a classe trabalhadora organizada. Tanto em Paris como em Madri, supera-se a falsa divisão entre estudantes e trabalhadores. A juventude

compreende com nitidez que é o trabalhador precarizado do presente e do futuro; por seu lado, os trabalhadores organizados entendem que os ataques à educação, à saúde e ao direito à habitação representam a destruição das condições materiais de vida de toda a sua classe.

Este ciclo de mobilizações coloca em xeque a eficácia da social-democracia conciliadora e das fórmulas reformistas, que se revelaram impotentes para travar a voracidade do capital e o avanço das forças da extrema-direita populista. Como demonstram as assembleias de base na França e os sindicatos de inquilinos na Espanha, a resistência só alcança vitórias quando se apoia no poder popular, na solidariedade de classe e na ação direta organizada.

A construção de uma alternativa radical e internacionalista no continente europeu sairá da capacidade do proletariado e da juventude de unificarem as suas lutas, ocuparem as ruas e imporem, pela força da sua organização, uma sociedade onde a vida esteja acima do lucro. ■



Manifestações massivas de estudantes em Paris. Fotos Públicas

ENTREVISTA

Uma candidatura revolucionária e socialista no coração do Império



DA REDAÇÃO



Campanha de Rosa Pepper-Macias. Fonte: Arquivo Pessoal

O Opinião Socialista conversou com Rosa Pepper-Macias, uma jovem militante da Voz dos Trabalhadores (Workers' Voice, seção da Liga Internacional dos Trabalhadores, a LIT, nos EUA), candidata ao Senado por Connecticut nas eleições de meio de mandato (midterms), que abrangem a Câmara dos Representantes (o que seria nossa Câmara dos Deputados), além de um terço do Senado.

Com um programa revolucionário e socialista, Rosa explica a necessidade de se fortalecer a organização independente dos trabalhadores contra Trump e a extrema direita, superando o Partido Democrata e suas correntes supostamente radicais.

— ROSA, POR QUE VOCÊ SE CANDIDATOU, A QUE CARGO, QUAL O PARTIDO E QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS PONTOS DO SEU PROGRAMA?

Sou uma cozinheira, transgênero, tenho 23 anos e trabalho em um hotel em New Haven, Connecticut. Sou candidata ao Senado estadual de Connecticut pelo Distrito 11. Connecticut ocupa o segundo lugar entre todos os estados do país em desigualdade de renda.

Essa é uma das muitas razões pelas quais me candidato pela Voz dos Trabalhadores, com uma plataforma que exige: comitês de defesa dos trabalhadores para deter a campanha de terror do ICE; o fim das guerras e das agressões imperialistas dos Estados Unidos; controle operário sobre a produção para combater as mudanças climáticas; uma jornada de trabalho mais curta, sem redução salarial; reparações integrais e autodeterminação para a população negra, os porto-riquenhos e todas as comunidades indígenas e colonizadas; o fim das agressões contra as pessoas trans e todas as pessoas LGBTQIA+; contraceptivos, serviços de aborto, cuidados infantis e atendimento às pessoas idosas gratuitos, públicos e oferecidos de acordo com a demanda; apoio econômico e social integral às pessoas com deficiência; a construção de um partido classista que una toda a classe trabalhadora e as pessoas oprimidas na luta contra os capitalistas; a expropriação pública das empresas da lista Fortune 1000 — incluindo bancos, empresas do setor energético, de transporte e logística, grandes redes varejistas e indústrias manufatureiras — sob controle democrático dos trabalhadores; e um governo dos trabalhadores e uma economia planificada: pelo socialismo!

Para nós, nos dias de hoje, o Partido Democrata tem sido sistematicamente a face “de esquerda” dos capitalistas. É o órgão que, assim como o baço, absorve tudo aquilo que ameaça o sistema como um todo, para filtrar e eliminar essas ameaças.

Assim como os heróis sobreviventes da luta pelos direitos civis da década de 1960, que viveram o suficiente para se verem transformados no establishment dos anos 2000, pessoas como Alexandria Ocasio-Cortez, Rashida Tlaib e Zohran Mamdani verão, mais ou menos lentamente, sua retórica radical e suas posições social-democratas serem filtradas, destruídas ou marginalizadas.

Cada vitória de candidatos alinhados à DSA (Democratic Socialists of América - Democratas Socialistas da América em português) nas primárias democratas aprofunda ainda mais a integração da organização ao Partido Democrata e às suas instituições, afastando cada vez mais do horizonte a suposta “ruptura” com o partido capitalista que muitos integrantes da DSA afirmam, desde 2016, estar prestes a acontecer. Os esforços da DSA para reintegrar ao sistema os trabalhadores descontentes tiveram bastante sucesso e representam um grande obstáculo ao desenvolvimento de uma esquerda socialista e revolucionária independente.

O Partido Democrata é um partido capitalista e, independentemente das justificativas, aqueles que o constroem fortalecem o poder da classe capitalista. O que este período demonstra é tanto a popularidade das ideias socialistas quanto a

necessidade de organizações independentes da classe trabalhadora.

Ao mesmo tempo, os ataques de Trump e da extrema direita não vão parar por conta própria. Os democratas travaram uma luta muito limitada contra essa política — talvez nem sequer seja possível chamar isso de luta.

O que será decisivo nos próximos meses não é a quantidade de democratas no Congresso, mas a quantidade de trabalhadores e sindicatos que estarão nas ruas, organizando greves e construindo os núcleos organizativos capazes de colocar em movimento o poder da classe trabalhadora.



Campanha de Rosa Pepper-Macias. Fonte: Arquivo Pessoal

Precisamos urgentemente organizar campanhas de defesa política para libertar todos os presos políticos e defender os povos imigrantes e oprimidos contra os capangas do ICE, além de ampliar essas lutas até que se tornem movimentos de massas.

O Partido Democrata é a ‘face esquerda’ dos capitalistas, é preciso organizar a classe trabalhadora de forma independente

— COMO VOCÊ AVALIA A SITUAÇÃO ATUAL DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS NOS ESTADOS UNIDOS? QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS RISCOS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS MOVIMENTOS POPULARES E PELA CLASSE TRABALHADORA?

O governo Trump está promovendo uma avalanche de ataques às liberdades democráticas nos Estados Unidos. Os sindicatos, as conquistas dos movimentos antirracistas, LGBTQIA+ e de mulheres estão sendo atacados. Até mesmo as liberdades básicas de expressão e as instituições democráticas liberais, como as eleições, vêm sendo enfraquecidas.

Trump ainda conta com um movimento de massas fascista, embora ainda não tenha imposto uma ditadura completa. Seu governo aproveita todas as oportunidades que surgem para reforçar a autoridade ditatorial do Estado e, de modo geral, continua contando com o apoio fundamental dos setores mais poderosos da burguesia.

No entanto, falta-lhe amplo apoio, apesar de manter uma base consistente de aproximadamente 30%. Ele também foi obrigado a recuar em determinadas políticas e a mudar seus planos diante da resistência e da indignação

popular, como vimos nas suas políticas de deportação.

Temos, portanto, o desafio central de consolidar e ampliar um movimento de massas capaz de enfrentar essas políticas de maneira consciente e consistente, em escala nacional.

Por um lado, precisamos estar conscientes dos ataques diretos do governo e atentos a eles. Devemos reconhecer que vivemos um momento político em que ainda existem muitas garantias de liberdade que nos permitem organizar publicamente nossas lutas e que continuam contando com amplo apoio de setores da classe trabalhadora. Por isso, precisamos urgentemente organizar uma defesa política que seja a melhor maneira de proteger essas liberdades.

— QUAL É A RESPONSABILIDADE DO GOVERNO NORTE-AMERICANO NA GUERRA EM GAZA E POR QUE A LUTA EM DEFESA DA PALESTINA É UMA QUESTÃO ESTRATÉGICA PARA OS TRABALHADORES E A JUVENTUDE DOS ESTADOS UNIDOS?

Israel só consegue realizar seus ataques militares graças ao apoio militar dos Estados Unidos, que fornecem todas as aeronaves e a logística necessária para conduzir campanhas de bombardeios por toda a região.

Além disso, os Estados Unidos forneceram importante apoio diplomático a Israel, garantindo-lhe impunidade apesar das atrocidades que cometeu.

Por isso, a luta em defesa da Palestina nos Estados Unidos, conduzida pela juventude e pelos

trabalhadores, tem um caráter estratégico. Se nos organizarmos, poderemos deter a política pró-Israel deste país.

Além disso, temos o desafio de organizar os trabalhadores das indústrias bélicas norte-americanas que abastecem o Exército sionista, para que rompam com essa política belicista e imperialista.

A luta em defesa da Palestina nos Estados Unidos tem um caráter estratégico

— OS DEMOCRATAS APOSTAM QUE VÃO SE BENEFICIAR ELEITORALMENTE COM O ATUAL DESGASTE DE TRUMP. COMO VOCÊ ANALISA A SITUAÇÃO DOS EUA HOJE? QUE ALTERNATIVAS OS TRABALHADORES ENCONTRAM DIANTE DA POLARIZAÇÃO ENTRE REPUBLICANOS E DEMOCRATAS?

É verdade que Trump chega a estas eleições muito mais desgastado do que na última vez, e é possível que os democratas se beneficiem disso.

Mas os democratas não oferecem nenhuma saída nem alternativa. Não têm um plano de recuperação econômica para a classe trabalhadora.

Há um cenário de descontentamento, miséria e desilusão em amplos setores da classe trabalhadora. Não existe alternativa pronta: precisamos construí-la. Isso começa pela organização de sindicatos combativos e de movimentos de massas em defesa dos oprimidos, organizados democraticamente e fora do controle do Partido Democrata.

A iniciativa e a disposição existem, mas ainda temos pela frente a tarefa da organização.

— O BRASIL TAMBÉM ESTÁ PASSANDO POR UM PROCESSO ELEITORAL NESTE PERÍODO. QUE MENSAGEM VOCÊ GOSTARIA DE TRANSMITIR AOS TRABALHADORES, À JUVENTUDE E AOS MOVIMENTOS SOCIAIS BRASILEIROS QUE ACOMPANHAM A LUTA DA CLASSE TRABALHADORA NOS ESTADOS UNIDOS?

Minha mensagem é que continuem nas lutas e mantenham sempre uma consciência internacionalista. Estamos unidos na luta contra o capitalismo, que representa um desafio global. Nossas lutas contra a opressão, em todas as suas dimensões, são parte indissociável desse quadro.

Diante das ameaças da extrema direita, sofremos a pressão de buscar saídas rápidas ou fáceis, tentando chegar a um acordo com o capitalismo para reformá-lo e, assim, alcançar uma vida melhor.

Mas o que vivenciamos nos Estados Unidos e em todo o mundo é que esses acordos nos tiram as forças para continuar lutando. Eles nos desarmam diante do próximo ataque.

Por isso, é fundamental seguir um caminho independente, baseado no poder da classe, em nossas próprias forças e em nossa própria direção. ■

Há um cenário de descontentamento, miséria e desilusão em amplos setores da classe trabalhadora



TRANSFORME SEU ÓDIO EM ORGANIZAÇÃO

VENHA CONHECER O PSTU E O REBELDIA!

O resultado das eleições mostrou a necessidade de os trabalhadores e a juventude irem à luta, fortalecer um programa revolucionário e se organizar politicamente, com independência de classe.

A extrema direita ganhou projeção, com figuras bizarras que se resumem a destilar preconceito e discriminação contra as mulheres, negras e negros, LGBTI's e povos originários. Uma gente que quer piorar ainda mais as condições de vida dos trabalhadores e de uma juventude que se vê, a cada dia mais, sem perspectiva de futuro. E ainda acabar com as liberdades democráticas.

O governo do PT prometeu que, votando em Lula em 2022, derrotaríamos a ultradireita. Quatro anos depois, ela não só continua, como se fortalece. E, pensando bem, seria difícil outro resultado, porque, nestes quatro anos, assim como nos 18 de governos do PT, este projeto se limitou a administrar um capitalismo em crise, e isso

significou ataques incessantes a nossos direitos, com uma ou outra concessão que, diante, do retrocesso do país, se evaporam.

ESMAGAR O BOLSONARISMO! SUPERAR A CONCILIAÇÃO PETISTA

As eleições mostraram que governos de alianças de classe com a burguesia não mudam nossas vidas, e tampouco impedem o avanço da extrema direita. Ao contrário, tentam conduzir o capitalismo, canalizar através da institucionalidade nossa revolta, e, invariavelmente, se desmoralizam e acabam por retroalimentar a extrema direita. É assim em todo o mundo, não só no Brasil.

Se as eleições podem e devem ser usadas contra o próprio sistema, ela também faz parte deste mesmo sistema, totalmente controlado pela burguesia, o poder financeiro, midiático e pelo algoritmos das big techs. As eleições, e as negociatas nos gabinetes, não mudam nossas vidas, o caminho para isso é ocupar as ruas, como centenas de milhares estão fazendo contra o avanço da extrema direita.

A história prova isso: só derrubamos a ditadura militar com um grande movimento de massas. O fim da Escala 6×1 só foi pautado com luta e mobilização, nas ruas e nas redes. No ano passado, barramos a PEC da Blindagem ocupando as ruas. E, agora, temos que continuar nas ruas, pois mais ataques virão.

É HORA DE SE ORGANIZAR!

Uma outra coisa que a história mostra é que as conquistas no capitalismo são passageiras. As mínimas conquistas da Constituição estão em

risco, assim como os direitos trabalhistas de décadas. Até mesmo nossas liberdades democráticas não estão garantidas, e a sombra do golpismo continua pairando.

Além de lutar, é preciso organização para a construção e o fortalecimento de um outro projeto, realmente antissistema, que reúna trabalhadores, a juventude, as LGBTI's, e todos os setores oprimidos, em torno a uma alternativa revolucionária e socialista. É só botando abaixo esse sistema, e construindo outro em seu lugar, reorganizando a sociedade para que os de baixo governem, é que iremos, de fato, mudar nossas vidas e jogar a extrema direita para o lixo da história de uma vez por todas.

O PSTU, com a candidatura Hertz Dias e Vanessa, apresentou esse programa e alternativa nas eleições. Mas a campanha eleitoral é só um momento, não buscamos cargos ou privilégios, nossa atuação, ao contrário dos outros partidos, se dá no dia-a-dia das escolas, locais de trabalho, ocupações por moradia, etc. O PSTU é uma organização revolucionária, independente de qualquer governo e dos patrões, cujo objetivo é uma sociedade comunista, livre de qualquer exploração e opressão.

A você que nos acompanhou nessa jornada, ou que simplesmente tomou contato com o partido, fazemos um convite para que conheça o PSTU. Existe uma ideia que militar num partido é algo só para grandes oradores, mas não é assim. Você pode militar no PSTU, e no Rebeldia-Juventude da Revolução Socialista, fazendo o que mais sabe: desde cortes e edição de vídeo, design,

programação, ajudando em campanhas financeiras, tem lugar para todo mundo. E o mais importante, discutindo de forma coletiva o Brasil e uma saída revolucionária para a crise.

E se você acha que este não é o momento de se organizar, ainda assim pode nos ajudar e caminhar ao nosso lado. O PSTU depende totalmente dos trabalhadores e da juventude, e todo apoio é mais do que bem-vindo! Ajude-nos a lutar por um Brasil e um mundo comunista!

Trabalhadores e juventude, ocupem as ruas e se organizem! Fortaleça a luta para varrer a extrema direita.

Organize-se e faça parte!

CLIQUE AQUI